



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

DANIELA VARGAS BARLETTA

(depoimento)

2016

CEME-ESEFID-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpendo Memórias

Número da entrevista: E-822

Entrevistado: Daniela Vargas Barletta

Nascimento: 16/06/1964

Local da entrevista: Hospital Moinhos de Vento

Entrevistadora: Gracielli Lattuada Alves

Data da entrevista: 02/09/2016

Transcrição: Gracielli Lattuada Alves

Copidesque: Gracielli Lattuada Alves

Pesquisa: Gracielli Lattuada Alves e Silvana Vilodre Goellner

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 27 minutos.

Páginas Digitadas: 11

Observações:

Entrevista realizada para a produção da Trabalho de Conclusão de Curso de Gracielli Lattuada Alves intitulado *Maria Júlia da Rocha: um olhar sobre uma das pioneiras da dança clássica em Porto Alegre* apresentada no Curso de Licenciatura em Dança em agosto de 2016.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Origem e situação da família; Como se envolveu com a dança; Como foi a formação em dança; Tempo de estudo na Escola de Ballet Maria Júlia da Rocha; Estrutura da Escola; Modalidades de aulas oferecidas aos alunos; Como eram as aulas de ballet na Escola; Funções desempenhadas na Escola; Relação com Maria Júlia; Relação entre as alunas da Escola; Participação no Grupo de Dança Majuro; Rotina de ensaios; Viagens com o Grupo; Momentos marcantes da Escola; Influência e contribuição da experiência vivida nesta Escola para a formação; Relação atual com a dança; Visão sobre o fim da Escola.

Porto Alegre, 02 de setembro de 2016. Entrevista com Daniela Vargas Barletta, a cargo da pesquisadora Gracielli Lattuada Alves, para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

G.A. - Daniela, primeiramente eu gostaria de agradecer a tua disponibilidade por conceder essa entrevista para o Centro de Memória do Esporte. Para começar eu gostaria que tu falasses um pouco sobre a tua família, a origem, a situação.

D.B. - Meu pai é italiano nato, veio com 2, 3 aninhos de Morano Calabro¹ como vários italianos de Porto Alegre, a minha mãe é gaúcha. Nasci em Porto Alegre e acho que na década que eu nasci, em 1964, era clássico as mães gostarem de botar as filhas no *ballet* clássico, não existiam tantas modalidades. E então ela tinha o sonho de me colocar no *ballet* e no piano e foi o que ela fez. Ela já fazia ginástica rítmica com a Maria Júlia², tinha um grupo de mulheres de Porto Alegre que faziam e adoravam, era muito conhecida a ginástica para senhoras, senhora naquele tempo, 30 anos já era senhora. Eu fui sempre criada com muita disciplina assim, nunca fui aquela que experimenta para ver se gosta e fica trocando, não. No momento que entrasse tinha que ter um motivo muito grave para não... Para desistir, e uma coisa pessoal também então eu entrei naquela Escola³ com quatro anos de idade e só saí quando fui fazer a residência fora aqui de Porto Alegre, então era a minha segunda casa assim.

G.A. - Como se envolveu com a dança então...

D.B. - É foi, na verdade foi algo que a minha mãe quando fazia ginástica rítmica me levava para conhecer, para verificar, para olhar e eu adorava as salas, adorava as coisas, então a minha mãe com muito jeitinho foi plantando aquela sementinha e eu logo comprei [riso]. Meu pai sempre ouviu ópera, então a família gostava então as coisas foram naturalmente.

G.A. - E como foi a sua formação em dança?

¹ Comuna da região da Calábria, Itália.

² Maria Júlia da Rocha.

³ Escola de Ballet Maria Júlia da Rocha.

D.B. - Foi na Escola da Maria Júlia do início ao fim, sempre só lá.

G.A. - Em que ano então tu começaste a frequentar a Escola?

D.B. - Com 4 anos de idade.

G.A. - Por quanto tempo você estudou nesta Escola?

D.B. - Até... Eu me formei em Medicina com 23, eu acho que até eu pude frequentar a Escola até uns 24 anos, depois a profissão de médica não me... Não tive mais condição.

G.A. - Como era a estrutura da Escola?

D.B. - Felizmente era uma grande casa, tinham uns oito pianos lá dentro. As aulas eram com piano, com pianista, não se tinha grade nem guarda na frente. A gente ia aos 12 anos a mãe já deixava ir de ônibus, então a gente ia junto com as colegas do bairro ia até lá. E era uma família, tinha uma grande sala maravilhosa, tinha uma outra menor. Tinha estudo de piano, de violão, de flauta, então era um ambiente absolutamente artístico assim para dança e música.

G.A. - Quais modalidades de aulas eram oferecidas aos alunos?

D.B. - É eu sou mais de uma época mais do *ballet* clássico, e sempre tinha o que a gente chamava do Grupo do Infantil claro, mas depois que tu entravas na adolescência tu já entravas, digamos que as apresentações de final de ano tinham sempre três atos, o infantil, o clássico e o contemporâneo que a gente chamava. Depois foi se oferecendo outras modalidades como espanhol, russo, mas daí eu já estava ali com meus 16, 18 anos e eu nunca gostei, não fui para esse lado, sempre fiquei só no clássico e digamos que o contemporâneo era um braço do clássico.

G.A. - Como eram as aulas de Ballet na Escola da Maria Júlia?

D.B. - Como assim, o que tu queres dizer?

G.A. - O andamento das aulas, como ela conduzia as aulas...

D.B. - Então, uma coisa marcante era com pianista, era absolutamente no horário, se tinha uma cadernetinha de presença que a gente tinha que chegar e entregar a cadernetinha, e a gente leva xingão se não levava a cadernetinha. Era muito cobrada a disciplina do horário, muito cobrada a vestimenta adequada e quando estava com sapatilhas de pontas o porquê não estava com sapatilhas de pontas, para tirar as sapatilhas de pontas tinha que pedir permissão para tirar. Então e ao mesmo tempo apesar de toda essa disciplina era uma festa, era uma alegria, era um prazer imenso que a gente, as turmas eram... Nas turmas a gente acabava fazendo amizades que são até hoje. Claro que são meninas próximas, um pouco mais próximas da idade é claro por causa das turmas, e eu me lembro que tinha uma época que a minha turma, que nós somos basicamente cinco que sempre estavam grudadas, nós escolhíamos o penteado, se a gente ia de coquinho ou com umas, a gente era pequena ainda, com umas chiquitinhas, umas trancinhas, a cor da fita, tudo nós combinávamos para ir juntas assim. Então era um prazer, e claro que tinham todas aquelas coisas de *ballet* clássico, a barra, o centro, as coisas que nem me lembro mais, mas eram coisas clássicas. E claro que o que eu mais gostava eram os ensaios das apresentações, aí tinha uma grande janela na sala maior e quando a gente já está maior, é claro, melhor do que o espetáculo no teatro eram os ensaios ou os grandes ensaios aonde as menores ou as mães das menores ficavam te olhando na janela, então, aquilo tudo já era uma apresentação. Então era uma festa, e eu como sempre fiz piano também e fui muito adiante no piano também tinham todas as apresentações de exames que a gente sorteava a escala para tocar, preparava a música e tinha que tocar de cor e fora as apresentações de piano de Dia das Mães, dos Pais, final de ano, tinham várias apresentações e aquilo era feito com muita pompa, com muita... Ia do mais básico até o mais difícil da apresentação e como eu fiquei muitos anos por muitos anos eu fui a última a me apresentar no piano, sempre sem partitura, então era um grande desafio e uma grande satisfação aquilo tudo. E apesar da Maria Júlia ser extremamente disciplinadora eu acho que isso que marcou todas nós, ela sabia muito bem quem era quem. Eu não lembro jamais de ela ter gritado pessoalmente comigo, porque ela sabia que não precisava, que era melhor comigo falar no ouvido, entende? Então ela sabia quem precisava do grito geral e quem não precisava. Ou claro o grito para todas é costumeiro, mas ela sabia cada uma, a maneira de conduzir cada uma, a maneira de puxar cada uma diferente. E nos ensinando também, isso é uma coisa que marca para o resto da

vida assim a disciplina, o respeito com a equipe, que a tua turma, a tua dança, aquilo que tu ganhaste não adianta só tu fazer bem, todo mundo tem que fazer bem porque senão não fica bonito. E nem todo mundo é igual, uma tem o braço mais bonito, outra tem o pé mais bonito, a outra bota a perna mais alta, mas assim ela sabia aproveitar o que cada uma tinha de melhor e valorizar aquilo. Então até porque era uma escola, talvez seja diferente de hoje em dia, digamos que a imensa maioria dali sabia que aquilo não era profissão. Eu tinha certeza absoluta que aquilo ali não era a minha profissão, mas que não é por isso que eu não ia me dedicar e fazer o melhor possível, não era um hobby, mas ela sabia valorizar o que cada uma tinha de bom. E não dizer assim: “Ah, tu não tem corpo de bailarina, tu não serve...”. Eu jamais fui, eu acho que nenhuma de nós foi sentida discriminada por causa disso, muito pelo contrário, aquilo era uma formação pessoal, não era uma formação para ser bailarina. Eu acho que na época, até não sei como é hoje em dia, na época não cabia isso.

G.A. - Quais funções você desempenhou na Escola?

D.B. - Eu sempre fui só aluna, e fiz parte do Grupo de Dança Majuro que nós tivemos depois de uma certa época nós tivemos um grupo, a gente foi ao primeiro Festival de Joinville⁴, a gente foi a vários Festivais de Joinville. Então eu participei desse Grupo e tínhamos apresentações. Teve uma apresentação marcante que eu era pequena ainda, eu acho que eu tinha uns 10 anos, mas foi marcante, a Angela⁵ vai lembrar também. Que era o Porto Alegre ou Brasil canta e dança os poemas de Mário Quintana. Então eram poemas de Mário Quintana que foram musicados e cantados e era *lindo*. E isso nós apresentamos em várias coisas porque eu acho que era algum aniversário de Mário Quintana, alguma coisa assim. E nós éramos crianças ainda e a gente ria de umas certas coisas que a gente lembra até hoje de cantar as músicas, mas era uma diversão ao mesmo tempo que era um aprendizado. Outra coisa brilhante que ninguém pode esquecer é que nós tivemos - eu não tanto, as mais velhas que eu muito mais- o Maestro Leo Schneider tocava para nós nas apresentações de final de ano e ia nos ensaios gerais tocar. Meu Deus do céu, e teve uma apresentação que era só de músicas autorais dele, então aquilo foi inesquecível assim também, porque a esposa dele era professora de piano na Escola, a Maria Helena

⁴ Festival de Dança de Joinville, Santa Catarina.

⁵ Angela Geyer Menezes.

Schneider⁶, que é mãe da Anne Schneider, a nossa maior organista até hoje, uma das maiores organistas do Brasil, a Anne Schneider. Porque o Maestro além de pianista eu acho que o principal dele era órgão.

G.L.- Como era sua relação com a Maria Júlia?

D.B. - Era de... A minha mãe tinha ela em alta consideração, eu sempre tive muito respeito e depois muito carinho, mas eu nunca fui, eu acho que várias meninas eram muito mais próximas assim de, às vezes, ficar na casa dela, dormir lá. Eu não, eu tinha esse distanciamento porque é uma coisa meu mesmo, até hoje eu não me aproximo tanto assim das pessoas. Mas eu tinha o maior respeito e o maior... Como mãe mesmo, a gente tem aquele respeito, aquele amor incondicional assim sabe, e eu entendia sempre bem apesar de todas as broncas, de todas as brigas eventuais eu sabia que ela estava corretíssima e era assim que devia ser. E ela super carinhosa, todos que... Cada uma que fazia 15 anos ela dava uma caixinha de música daquele tempo que tinha uma bailarinzinha que rodava, coisa mais linda. Me lembro que na faculdade já tinham festas à fantasia e ela me emprestava umas fantasias para eu ir. E a minha mãe uma vez viajou para a Europa e ficou, naquele tempo se ficava um mês ou mais e eles ainda não me deixavam pegar ônibus para ir para a Escola e eu disse: “Ah, mas eu não posso deixar de ir no *ballet*.” E tinha uma época que a gente ia de domingo a domingo, a gente ia todos os dias, e aí o marido da Maria Júlia, o Dr. Francisco⁷ me buscava em casa todos os dias e aí a volta o pai, da Márcia⁸ ou de uma outra colega me levava de volta para eu poder ir. Então a gente tinha o colégio e o *ballet* tinham o mesmo peso assim, era extrema responsabilidade isso porque a gente gostava, porque a gente tinha respeito por ela, porque a gente não queria perder a turma que estava e não ficar pior que a outra, mas era uma competição legal assim, sabe, não era uma competição para sacanear a outra, não, era para não, eu não posso ficar para trás sabe. E se tu não ia no ensaio tu ficavas para trás, então muito legal assim.

G.A. - Como era a relação entre os alunos da Escola?

⁶ Maria Helena Leão Schneider.

⁷ Francisco Xavier Pires da Rocha.

⁸ Márcia Paul Waquil.

D.B. - Isso, como eu digo, eu tenho principalmente quatro amigas, nós éramos cinco que estávamos sempre juntas naquela época que foi a Ana⁹, a Ângela, a Cláudia¹⁰, eu e a Márcia, a Ângela, a Márcia, eu, a Aninha e a Cláudia. Claro que isso principalmente ali dos talvez 10 anos, 10 aos 17, depois quando a gente foi para a faculdade aí já afastou um pouco, mas até hoje nós somos amigas eternas. E eu, a Aninha e a Márcia morávamos próximas, então a gente começou a ir de ônibus sozinhas porque a gente saía... Eu saía primeiro, não tinha celular nem nada, a gente ligava para o telefone fixo da casa da outra: “Ó, vou sair.” Aí a outra esperava na parada e via se eu estava dentro do ônibus a Márcia entrava e mesma coisa depois a Aninha [risos], um sarro. E os pais de nós três se revezavam para nos trazer de volta. E depois o irmão da Márcia já tinha carteira e eu e a Márcia éramos Anchiéticas¹¹ e o irmão da Márcia nos pegava no Anchieta para nos levar e nós íamos fazendo o coque, arrumando o cabelo e os guris gozando da cara da gente, era uma diversão e para voltar então os pais também se revezavam o pai da Aninha, o meu e o da Márcia. E o pai da Márcia era engraçadíssimo, ele ia e a gente rasgava a boca de tanto rir no caminho, era muito legal. Mas sabe que tinham outras tantas turmas e eu sempre falo dessas porque são assim as que mais marcaram por mais tempo, mas no Grupo, no Majuro até eu fiquei mais tempo do que qualquer uma dessas cinco e aí que cresceu a amizade com as Daronch que a gente chama, com a Clô¹², com a Andréia¹³, com a Carla¹⁴. Aí cresceu muito e elas são também assim eternas na minha vida, a gente pode não se ver, mas quando a gente se encontra no supermercado ou em um bar ou no cinema é uma alegria assim, mas claro que tinham meninas muito diferentes e naturalmente tinham aquela aproximação e tinha aquele respeito mútuo digamos assim. Então tem coisas... E tu acabas convivendo mais com aquelas da tua idade, eu nunca lecionei, nunca fui professora, várias das gurias foram, eu nunca fui, então não tem tanto contato com outras de outras idades assim digamos. E com a Elisa¹⁵ também um carinho maravilhoso, a Elisa tantas coreografias lindas que ela fez tantas músicas que eu conheci através das buscas dela, e em um tempo que era fita cassete entende, no tempo que não tinham as buscas de músicas como hoje em

⁹ Ana Pinto.

¹⁰ Cláudia Romeu.

¹¹ Alunas do Colégio Anchieta.

¹² Cláudia Daronch.

¹³ Andréia Daronch.

¹⁴ Carla Daronch.

dia, então coisas fantásticas que eu aprendi com a Elisa. E eu estava me lembrando de outro fato que foi, teve uma vez que eu fui o papel, eu e a Ângela, o papel principal do infantil e eu já tinha ali 16 anos. E aí eu me lembro que quando eu cheguei toda vestida, com a sapatilha de pontas linda que a minha mãe tinha trazido de Paris aquilo tudo, as pequeninhas ovacionaram. Nunca vou me esquecer aquilo nos bastidores do Teatro da OSPA¹⁶, eu cheguei toda prontinha e aquelas menorzinhas todas assim eu era assim um ídolo, muito legal sabe, muito legal, a gente nunca vai esquecer isso.

G.A. - Como funcionavam os espetáculos?

D.B. - É, tinha o grande espetáculo de final de ano como existe até hoje nas escolas, como eu disse em três atos que eu lembre. Eu sou do tempo em que, o meu primeiro espetáculo foi no Theatro São Pedro, aí depois o Theatro São Pedro fechou, estava caindo aos pedaços, aí a gente foi para o Teatro da OSPA, depois muito na Assembleia¹⁷ e depois eu tive a felicidade de fechar no Theatro São Pedro reaberto, com a Raymonda, onde a Déia foi a Raymonda, a irmã da Clô. E ali eu estava me formando, era o último ano da Medicina, eu estava com 23 anos, eu tive essa alegria assim de começar em fechar no São Pedro em duas etapas, ele caindo aos pedaços e ele maravilhoso. E eu no último ano da Medicina, eu acho que eu era a única da Medicina ali. E tinham outros tantos espetáculos ao longo do ano porque tinham coisas que nos convidavam, então tinham em tudo quanto era lugar. Nunca vou me esquecer de uma vez que a gente dançou nas docas do Cais do Porto em um palco flutuante no Guaíba, nunca vou me esquecer, sensacional. E aí a gente às vezes tinha que se adaptar o lugar, não interessa, disseram que era assim, mas é assado e a gente tinha que se virar, e até hoje eu vejo assim a musicalidade, a noção de espaço, a noção de ritmo que a gente tem e que eu vejo que outras meninas que nunca tiveram isso as vezes até no tirar a carteira, no dirigir, essas coisas tudo influenciam eu acho [riso].

G.A. - Então você participou do Grupo Majuro, já...

D.B. - Sim.

¹⁵ Elisa Freitas Machado

¹⁶ Orquestra Sinfônica de Porto Alegre.

¹⁷ Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul.

G.A. - Como era a seleção para integrar o Grupo?

D.B. - Só um instantinho, vou ver uma coisinha.

[INTERRUPÇÃO DA GRAVAÇÃO]¹⁸

D.B. - Não me lembro bem de uma seleção porque como eu estava desde o início meio que foi natural assim, porque tinha um embriãozinho certo, quando ele se tornou ainda mais semiprofissional digamos assim e já era uma época que eu já estava saindo, então, eu não participei de seleção porque eu estava realmente na geração dele digamos. E realmente assim a ideia que eu faço é que óbvio que tinha uma elite na Escola, a elite das que se dedicavam que iam todos os dias e que não tinham aquela história: “Esse ano eu não vou fazer, esse ano eu vou voltar, fiquei um mês voltei...” Não tinha essa, era de responsabilidade, apesar de saber que não era da profissão aquilo era minha responsabilidade. Então nós, e assim como eu várias outras e essas estavam sempre, nunca passei por seleção nenhuma [riso].

G.A. - E como era a rotina de ensaios do Grupo?

D.B. - Pois é, todos os dias, inclusive sábados e domingos.

G.A. - Era puxado?

D.B. - Sim, era puxado, mas como é que eu posso te dizer? Eu encarava assim, fazia parte da nossa vida, não era só ensaiar. Me lembro que na época ali dos seus 13, 14 anos nós tínhamos aula, por exemplo, nós fazíamos aula das quatro às seis, depois emendava das seis às oito, mas nós chegávamos na Escola às quatorze e ficava arrumando o que fazer. Ia comprar chocolate no bar da esquina, então eu acho que fazia parte da vida da gente assim, não era um sacrifício digamos, era tão prazeroso que era como sei lá, eu jogo tênis no clube, eu vou para o clube, jogo tênis, encontro pessoas, sabe? Era a mesma coisa.

¹⁸ Entrevistada atende o telefone celular.

G.A. - Você participou de alguma viagem com o Grupo Majuro?

D.B. - Sim, para Joinville, eu acho que só essa que eu lembro.

G.A. - E quais os momentos, espetáculos ou viagens mais marcantes dessa Escola para você?

D.B. - Então todos os de final de ano, esse último no São Pedro, às vezes de Joinville, esse eu me lembro muito bem esse do Mário Quintana que eu não me lembro direito se era na Assembleia, talvez a Ângela saiba bem, que foi fantástico. Esse em cima do Guaíba, que nós dançamos uma Tarantela, inclusive tinha uma roupa linda que nós dançávamos. E esse dos anjos como nós éramos menorzinhas nós tínhamos uma peruca de cabelo de anjinho, sensacional, a Ângela sabe todos os poemas, sabe todas as músicas. [Risos].

G.A. - Como você acha que a experiência vivida nessa Escola influenciou na sua formação?

D.B. - Total assim, está na minha formação, está no meu DNA. Como eu te disse, a disciplina, o trabalho em equipe, o respeito com as características de cada um, que cada um tem defeitos e cada um tem qualidades e que tu tens que puxar a qualidade de cada um, então, isso é direto na minha equipe aqui da radioterapia. Pr exemplo, então isso é no meu dia a dia. Então é um aprendizado para tudo, respeito, trabalho em equipe, tirar o lado bom das pessoas, acho que a disciplina, por aí.

G.A. - Como tu vê o final da Escola? Tu estavas naquela época?

D.B. - Não, é infelizmente é um *gap* assim, é um susto porque foi quando... Fazer o colégio com todos esses ensaios e a Medicina para mim foi sempre muito tranquilo, nunca tive dificuldade nenhuma, mas no momento em que eu me formei e comecei a fazer residência de Medicina Interna, de Clínica Médica, fazer plantão em UTI¹⁹, aí a vida caiu assim, é diferente quando tu tens um CRM²⁰ de responsabilidade. E aí eu fiz um ano de Medicina

¹⁹ Unidade de Terapia Intensiva.

²⁰ Conselho Regional de Medicina.

interna e depois eu fui fazer Residência em Radioterapia no Rio de Janeiro no Instituto Nacional do Câncer. Aí me afastei, aí me afastei mesmo, e ao voltar da Residência as coisas tinham tomado outro rumo, e aí eu perdi o *gap* ali. Eu acho que agora a gente pensa que foram só três ou quatro anos, mas é que três quatro anos naquela época tu está vivendo tanta coisa que parece mais. Agora quando eu penso só mais três, quatro anos é porque a gente está em uma rotina que tu nem diferencia os anos, mas naquele tempo tu estavas fazendo tantas coisas que mudou muito. Então foi muito triste, agora eu passo por aquela quadra, eu não reconheço a quadra da Miguel Tostes²¹ porque não tem mais a casa, tem um prédio, está tudo diferente. Não posso esquecer, a Ângela vai te contar, ela morava na São Manoel²², tem um posto de gasolina da Ipiranga que a Ângela só atravessava o posto para lá e para cá, sensacional. Eu não reconheço nem a rua, sabe, mas tudo bem, coisas da vida e eu acho que a memória está dentro da gente e é isso que conta. Eu me lembro de “N” detalhes e quando a gente encontra, eu não sou tão boa de memória, mas tem as outras que sabem tudo e mais um pouco, então está dentro da gente, azar, isso é a vida.

G.A. - E qual a sua relação atual com a dança?

D.B. - Atual nenhuma [risos]. Um absurdo, nenhuma, infelizmente nenhuma, passou agora eu estou com 52 anos e eu estou assim a cada ano que passa eu digo: “Não, eu vou trabalhar menos, eu vou voltar a fazer alguma coisa de dança...” E não consigo, não consigo, mas também acho que assim, na minha profissão digamos assim tu amadureces ali aos 45 talvez, eu com 52 eu estou vivendo um auge da minha profissão e que está sendo extremamente prazeroso. Então, e acho que dos 60 em diante realmente assim nem que eu queira eu acho que a gente sai de um pico assim, a gente até deve sair porque eu sou a favor de fazer coisas diferentes em tempos diferentes, e quero muito, quero muito voltar a ter o prazer de ouvir, de fazer uma aula obviamente adequada para cada idade, mas vai dar tempo sim se Deus quiser.

G.A. - Tu gostarias de acrescentar mais alguma coisa?

²¹ Rua da cidade de Porto Alegre.

²² Rua da cidade de Porto Alegre.

D.B. - Acho que não querida, acho que é isso. Não sei se tu queres me orientar alguma coisa assim que tenha faltado que tu precisas...

G.A. - Não, acho que está ótimo, foi bem objetivo e pontual [risos].

D.B. - É, são as minhas maiores memórias assim, acho que é isso.

G.A. - Sim. Daniela, então em meu nome e do Centro de Memória do Esporte eu gostaria de agradecer novamente a tua disponibilidade da entrevista e vamos mantendo contato.

D.B. - Muito obrigada!

[FINAL DA ENTREVISTA]